

Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer



Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método*, Ed. Vozes, faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Seu último livro, publicado no final do ano passado, é

Lição de um século. Ao completar 102 anos, em fevereiro último, Gadamer, que lia um livro de Jacques Derrida, disse a um jornalista da agência alemã DPA: “Queres saber uma coisa? O que eu penso não é tão importante. A única frase que quero defender sem nenhuma restrição é que os seres humanos não podem viver sem esperança”. A revista eletrônica *Caffe Europa* publica a entrevista concedida a Giancarlo Bosetti e Nina Fürstenberg por Gadamer no dia 16 de fevereiro de 2002, que versa sobre Platão e Karl Popper. A íntegra da entrevista, em italiano, está no site www.caffeeuropa.it

Em memória de H.-G. Gadamer, neste número publicamos um artigo de Gianni Vattimo, uma entrevista com o Professor Dr. Luiz Rohden, professor do PPG de Filosofia da UNISINOS e uma entrevista de Gadamer concedida quando do seu centésimo aniversário.

Gadamer: Verdade versus Método *À ditadura da técnica opôs o valor do diálogo social* **Gianni Vattimo**

A seguir, reproduzimos a tradução do artigo de Gianni Vattimo, filósofo italiano, sobre Gadamer, publicado no jornal italiano *La Stampa*, em 15-3-02.

“Morreu no dia 13 de março de 2002, quarta-feira, em Heidelberg, na Alemanha, Hans-Georg Gadamer, o teórico da hermenêutica, aos 102 anos. Ele chegou aos 102 anos cheio de vida, produtivo e lúcido. Ele foi o filósofo que não somente, como diz Habermas, ‘urbanizou a província heideggeriana’, mas interpretou e desenvolveu o pensamento do seu mestre, buscando humanizá-lo.

Um dos escritos de Heidegger que Gadamer sempre citava como decisivo para a formação da própria filosofia, é a conferência de 1936 sobre *A origem da obra de arte*. Nessa conferência, Heidegger propõe a célebre tese segundo a qual a arte abre para o mundo, funda uma época, inaugura uma cultura, porque o ser mesmo das coisas não se dá para a nossa experiência senão sob a forma de linguagem, e a arte é, precisamente, a que inova radicalmente a linguagem. Tudo bem, mas, no fundo, é difícil compreender que coisa significa, verdadeiramente, para nós, leitores e espectadores das obras de arte.

Gadamer lê a doutrina no sentido de mostrar que uma experiência estética é tal somente quando é ‘verdadeira’ experiência, isto é, quando nos muda: a leitura de um grande romance, o ouvir apaixonado de uma grande composição musical, são como que o encontro com algo ou alguém que não somente nos deixa colocarmo-nos no mundo ao lado das coisas, mas que se nos apresenta como uma visão global do mundo com o qual devemos fazer as contas.

Também a famosa doutrina heideggeriana do ser-para-a-morte, que tanto trabalho deu para os intérpretes, torna-se em Gadamer uma teoria da finitude (em italiano: *finitezza*) e historicidade da existência: a linguagem que falamos é uma herança densa de conteúdos específicos, não é a gramática e sintaxe abstrata de uma razão humana sempre igual. Assumir conscientemente a própria mortalidade significa saber que estamos dentro deste fluxo das mensagens lingüísticas e que não há verdade que se possa conhecer fora do diálogo, que se renova sempre no transcurso das gerações mortais, com estas mensagens. Precisamente pela atenção de Gadamer à historicidade e finitude (*finitezza*) da existência, é que ele foi um filósofo ‘popular’, compreensível para as pessoas comuns, porque estava radicado na concretude do mundo da comunicação generalizada.

A sua filosofia se chama hermenêutica, porque entende a existência como interpretação: a experiência não encontra o mundo refletindo-o neutralmente, mas lendo-o (isto é, interpretando-o) à luz das esperanças, projetos, medos, necessidades. Também aqui, é muito fácil compreender que, como dizia Platão, nunca encontraríamos a verdade se não soubéssemos (já) que coisa nós buscamos. Como na leitura de um livro, também a leitura do mundo é sempre movida por um certo interesse: quem é o assassino, nos romances policiais; mas, mais geralmente, por aquilo que nós esperávamos da leitura, quando a iniciamos. Naturalmente, sucede, felizmente, muitas vezes, que encontramos aquilo que não esperávamos; mas também isso é possível somente sob a base de uma certa expectativa, que, nesse caso, é colocada radicalmente em crise. A experiência, como pensava Hegel, nos muda. Por mais escandaloso que tudo isso possa parecer a quem pensa ainda que nós, primeiro, encontramos o mundo e somente depois o nominamos e o ordenamos, parece que é, precisamente, isto que nos acontece sempre mais evidentemente na sociedade tardo-moderna da comunicação: a nossa vida é um entrelaçar-se de mensagens, um jogo de interpretações, onde a verdade se constrói na escuta, na discussão, no consenso.

Certamente, há uma realidade; mas nós sabemos com certeza somente aquilo que ‘verificamos’; e verificar significa usar uma linguagem e um método, sobre os quais devemos estar de acordo com os nossos interlocutores. Gadamer elaborou essas concepções, antes de tudo,

dialogando com o seu mestre Heidegger, e refletindo constantemente sobre a grande tradição filosófica, começando por Platão e Aristóteles. O que caracterizou, desde o início, a interpretação pessoal de Gadamer do ensinamento heideggeriano foi, precisamente, o profundo conhecimento da tradição clássica e a fidelidade ao seu legado.

Assim, enquanto Heidegger pensa, de modo muito radical, que já a concepção platônica da verdade (como dar-se como objetivo e ser visível aos olhos da mente de idéias, de estruturas, de modelos estáveis das coisas) ou seja, o início do que ele chama do esquecimento do ser, isto é, da identificação do ser com a objetividade (desse modo também a nossa existência deveria ser sempre mais objetiva: racionalização do trabalho, sociedades totalitárias, manipulação do ser humano), Gadamer assevera que o erro começou com o cientismo moderno, que considerou as ciências experimentais matemáticas como a única sede do verdadeiro, reduzindo a experiência estética, a religiosa e as 'ciências morais', em geral, a um simples caso de sentimento e de sensibilidade subjetivas. O resultado é o mesmo que Heidegger pensava: uma sociedade que se tecniciza a tal ponto que não resta mais lugar para a liberdade e o imprevisível da existência. Mas muda muito a atitude nos confrontos da herança humanística, e talvez, também, a concepção de um possível resgate. Pela radicalidade de Heidegger, uma renovação da nossa civilização é algo que não depende (quase nada) de nós, mas do ser mesmo. "Somente um Deus nos pode salvar", disse Heidegger na última famosa entrevista concedida à revista *Spiegel*.

Para Gadamer, a tradição ocidental, ao contrário, é ainda rica de possibilidades emancipativas, que é preciso recuperar, opondo ao objetivismo tecno-científico uma concepção da verdade como diálogo social. Assim, na disputa sobre aquilo que as ciências podem ou não podem fazer, é decisivo recordar que a razão humana é logos dividido. Concretamente: é necessário que os cientistas sejam capazes de ouvir o que a consciência coletiva tem a dizer sobre as aplicações dos seus saberes e sobre a direção a ser dada nas suas pesquisas. Não é um convite ao conformismo; é a idéia que moralidade e racionalidade se dão, antes de tudo, quando há o respeito dos outros e da sua liberdade, inclusive, talvez, às custas do 'desenvolvimento' a qualquer preço. Isso, talvez, não é o Platão da mística que sobe da alma às idéias, mas o do diálogo, do simpósio; é, sobretudo, o Aristóteles da filosofia prática, que Gadamer contribuiu de modo determinante para revalorizar na cultura contemporânea. O título da sua obra maior, *Verdade e método*, reassume, no fundo, tudo isso. Há verdade também lá onde não domina o método científico; antes, pelo contrário, lá onde não há método, o qual vale e funciona somente se o usa estando na verdade, é no logos feito da linguagem que historicamente nos encontramos a falar. Falando da morte, recordo que Gadamer uma vez me disse: o ser humano é um ser que algumas vezes está acordado, outras vezes dorme. A morte não é muito mais do que um sono prolongado; que, portanto, não se deve temer, contanto que vá adiante, mesmo sem nós, aquele diálogo infinito que (como diz um verso de Hölderlin) "constitui a essência mesma da nossa humanidade".

Gadamer: alegre, simpático e simples

Uma entrevista com o Prof. Dr. Luiz Rohden

Apresentamos aqui uma conversa com o Professor Dr. Luiz Rohden, professor do PPG de Filosofia da UNISINOS e Editor da revista *Filosofia*. Luiz fez sua tese de doutorado sobre a obra de Gadamer: *Experiência e linguagem: princípios da hermenêutica filosófica*, defendida em dezembro de 2000 (A tese será publicada pela Editora Unisinos, até final de abril, na coleção Idéias).

IHU On-Line — Em julho de 1999 tiveste alguns encontros com o filósofo Hans-Georg Gadamer. Que impressionou na sua pessoa?

Luiz Rohden — Antes de mais nada diria que Gadamer era um *`gentleman`*. Sua alegria, simpatia, simplicidade e vigor de vida eram impressionantes. Um exemplo: falei com ele por telefone sobre uma possível entrevista. Prontamente,

ele respondeu: “Quando o senhor pode vir?” Daquele momento em diante, por três vezes nos encontramos para dialogar, basicamente sobre o tema da linguagem, que constituiria o terceiro capítulo da minha tese doutoral. Atendia no seu gabinete de trabalho na Universidade de Heidelberg (onde trabalhou como professor desde 1949 substituindo o filósofo K. Jaspers). Era uma rotina cumprida duas vezes por semana.

Rodeado de livros sobre a filosofia antiga, lia e respondia cartas, atendia pessoas e tomava seu vinho. Interessou-se pelo meu trabalho, pelo Brasil. Disse adorar nossa língua, achando-a a mais linda do mundo, por causa da sonoridade e musicalidade. Disse ter passado pelo Brasil em 1949. Numa ida à Argentina, seu vôo fez uma escala

em São Paulo, num dia em que o céu parecia desabar sobre a cidade.

Outro ponto é sua vida social. Imagine o que é jogar tênis até os 75 anos! As pessoas gostavam de estar com ele. Era um mestre, um Sócrates contemporâneo. Falava francês e alemão e com idade avançada aprendeu o inglês para poder dar aulas e palestras nos EUA onde congregou muitos discípulos e estudiosos da hermenêutica. Em 2000, ao participar de um Congresso Internacional de Hermenêutica, restrito a um seleto grupo de filósofos, vi Gadamer despedir-se:

“Essa foi minha última participação neste tipo de Congresso. O grupo, daqui a frente, deve seguir sem mim”. Suas palavras produziram um silêncio tenso e triste. Jean Grondin tomou então a palavra e, em nome do grupo, falou: *`daqui para frente nós pagaremos o jantar sucede aos nossos encontros e o senhor é nosso convidado`*.

IHU On-Line — Nos diálogos entre vocês, chegaste a perceber algo que Gadamer não mais assinaria hoje?

Luiz Rohden — Como um todo, creio que não. Pelo que percebo, hoje não acentua tanto a importância da noção de *`história da efetuação`* (*Wirkungsgeschichte*) como o fizera até anos 80. Em todo o caso, expus-lhe minha dificuldade em compreender e trabalhar o tema da linguagem contido na terceira parte de *Verdade e Método*. E, sem cerimônias, confessou-me que o tema era de difícil compreensão e que nem ele mesmo havia compreendido suficientemente o alcance e sentido do mesmo. Confessou que fora um trabalho (*Verdade e Método*) feito, também, para a academia e que precisaria ser refeito.

Fora isso, na obra de Gadamer impressiona-me a retomada da tradição humanística da filosofia. O seu empenho em explicitar uma dialética dialógica nas trilhas de Sócrates. Encontramos também, ao longo dos últimos anos, em sua obra, uma espécie de lema hermenêutico: “o outro também pode ter razão.” Com isso a ética e política ganham relevância.

IHU On-Line — Tens alguma sugestão de leitura para aspectos da vida e obra de Gadamer ou ponto polêmico?

Luiz Rohden — Recomendaria a leitura de uma excelente biografia escrita por Jean Grondin (de quem a editora Unisinos traduziu o livro *Introdução à hermenêutica* filosófica) sob o título *Hans-Georg Gadamer: Eine Biographie* da qual existe tradução espanhola. Um aspecto pouco conhecido é sua relação com o nazismo. Gadamer foi questionado sobre seu não envolvimento com os nazistas. O filósofo

não assumiu uma relação pró-nazista por sua amizade e envolvimento com os judeus. Dizia: “Fui salvo do nazismo por causa das muitas amizades que possuía com judeus”.

Publicamos a obra *Hermenêutica filosófica, nas trilhas de Hans-Georg Gadamer* pela Edipucrs que é uma introdução à leitura e compreensão da filosofia hermenêutica deste grande filósofo, que, entre outras lições, nos legou herança de uma necessidade de tolerância religiosa e necessidade de aprendermos a ser solidários para não sucumbirmos nas águas da tecnologia desvinculadas da responsabilidade e compromisso com a vida humana.

Século XX: um século agarrado ao Titanic

Hans-Georg Gadamer, ao completar 100 anos de vida, concedeu uma longa entrevista ao jornal *La Repubblica*, em 2-9-99. Gadamer começa a entrevista recordando o que significou para ele o naufrágio do Titanic: “Este foi o primeiro sinal, o primeiro grande aviso de que o progresso não traria somente rosas, mas muitos espinhos e muita dor. Era o início de um ceticismo que abriu uma brecha na confiança incondicionada que, então, se tinha na ciência e na técnica”. E já, no final da entrevista, o filósofo retoma a questão do progresso técnico: “O progresso técnico tornou-se o nosso destino, no bem e no mal. Mas qual é o sistema político capaz de conter a técnica? A democracia? Talvez. Mas se eu disser o que para mim é o mais decisivo neste século, diria que este século inventou uma arma pela qual a vida sobre o planeta pode ser exterminada. Esta é a situação inquietante a que estamos expostos. Sem dar-nos conta disso, não entendemos nada da atual política americana. Podemos ainda sonhar que, no final, alguma potência nos salvará. Talvez este poder é Deus”. E Gadamer conclui a entrevista afirmando: “A maior dificuldade é encontrar uma ordem política que esteja à altura do mundo organizado segundo os imperativos da técnica. Mas a este respeito sou muito cético. Não quero fazer previsões catastróficas, não gosto dos tons apocalípticos. Mas não me é difícil imaginar uma ordem mundial semelhante a um Estado-formigueiro, no qual o olho vigilante dos aparatos técnicos controlará cada indivíduo no que faz ou não faz. É um cenário não improvável para a civilização humana, num futuro tampouco muito remoto”. (Esta informação foi extraída do boletim CEPAT Informa nº 54, setembro de 1999, p. 53-54)

A crise do mundo moderno e o papel das religiões

Segundo H.-G. Gadamer

“O respeito pelas outras religiões é um bem que pode salvar-nos da catástrofe, mas o caminho para a salvação tem os inimigos dentro e fora da Igreja, entre os cardeais como Ratzinger, de uma parte e no poder dos Estados Unidos, da outra parte”. Hans-Georg Gadamer, que completará 100 anos de idade no próximo mês de fevereiro, há muito tempo, volta a sua atenção para a religião: “Penso no respeito dos não-religiosos para com as religiões, mas sobretudo no respeito das religiões entre si, como um meio para salvar o planeta da guerra e da ruína”. H. G. Gadamer é o grande expoente da hermenêutica, autor do clássico *Verdade e método*, publicado no Brasil pela Editora Vozes.

O Papa Wojtyla é um admirador de Gadamer, luterano, a tal ponto que o hermenêuta alemão é convidado, desde o início, para os seminários de verão que são organizados em Castelgandolfo, onde o papa passa o verão europeu.

Reproduzimos a entrevista concedida à revista eletrônica **Caffe Europa**, cuja versão portuguesa foi publicada pelo boletim *CEPAT Informa* no. 55, outubro de 1999, p. 28-32. O sublinhado é do mesmo boletim.

Caffe Europa: Por que o senhor se preocupa com os cardeais e com Ratzinger?

H.-G. Gadamer: Porque me dou conta que o Papa sustenta uma tendência potencialmente cooperativa entre as religiões. Ele quereria fazer mais do que faz, isto é certo, mas é preciso ver o que poder fazer verdadeiramente. Veja o que aconteceu com o “mea culpa” sobre os cismas, ortodoxo, protestante, anglicano. Os cardeais da doutrina se opuseram ao gesto do Pontífice, que era exatamente uma crítica das divisões doutrinárias. E o cardeal Ratzinger, sempre presente, muito presente, procurou segurá-lo. O Papa é um homem que tem um olhar extraordinariamente longínquo e, mesmo estando sempre muito atento, aqui foi além das suas possibilidades, ousando mais do que se poderia esperar dele. A tendência cooperativa entre as religiões tem inimigos muito fortes fora da Igreja, e aqui se destacam, acima de tudo, os americanos, e, dentro da Igreja, os

cardeais como Ratzinger, guardas severos da doutrina e da “unicidade” do cristianismo católico. Por isso temo que o Papa não será capaz de superar os obstáculos. Talvez outros líderes religiosos, como Dalai Lama, talvez um indiano, talvez outros. Espero que surja alguma liderança religiosa capaz de alertar a humanidade contra o risco de uma catástrofe.

Caffe Europa: Explique melhor a sua visão sobre os perigos deste momento e do possível papel das religiões.

H.-G. Gadamer: A humanidade está exposta a perigos enormes por causa da ampla disponibilidade das armas atômicas e de outros venenos destrutivos que podem produzir danos irremediáveis. A novidade do perigo, comparando com os conflitos do passado, consiste no fato de que muitos países têm em mãos, como, talvez, o Iraque, tecnologias capazes de destruir a vida sobre o planeta. Os americanos sabem muito bem quais são estes riscos, mas a sua preocupação principal é a de manter e expandir o seu poder. Não temos, portanto, muitos recursos para nos salvar. Por isso o meu olhar se volta, não somente para a política, mas também para as religiões.

Caffe Europa: Mas as religiões, para sermos francos, são, muitas vezes, mais causa de guerra do que de paz. Mesmo as guerras mais recentes implicam conflitos e atritos religiosos.

H.-G. Gadamer: É claro que as confissões religiosas são diferentes, sei muito bem que é difícil encontrar uma língua comum até para os diferentes ramos do cristianismo, mas a exposição ao perigo é tão grande, a ameaça de autodestruição do globo tão forte que o diálogo entre as diferentes culturas me parece, e espero que parecerá a todos, indispensável. Vamos partir, então, daquilo que todas as culturas e as religiões têm em comum.

Caffe Europa: E o que elas têm em comum?

H.-G. Gadamer: O tema que pode ser discutido entre as diversas culturas é aquele dos direitos humanos. Sobre os direitos humanos é possível encontrar um acordo. Deve-se encontrar um acordo pela simples razão que todas as religiões, grandes e pequenas, o confucionismo, o budismo, o islamismo, o cristianismo, mas também as seitas animistas da América do Sul ou da África, todas, têm em comum o culto dos mortos. Até a Revolução de Outubro produziu a idéia de conservar para a eternidade o corpo de Lenin. A própria múmia de Lenin mostra, de forma caricatural, a convicção de que alguma coisa vai para além da morte, assim como os guerreiros vikings, que tinham o costume de sepultar seus mortos com toda a sua enorme nave. O fato é que os seres humanos são as únicas entidades viventes que conhecem o sepulcro. E o sepulcro revela que crêem num além, que, depois da morte, permanece alguma coisa. A devoção pelos mortos, tão universal, exprime algo que, em termos filosóficos, chamamos de transcendência. Este elemento comum nos fornece a base para nos colocar um objetivo: que todas as religiões aceitem os direitos humanos. Sem a cooperação das grandes culturas, este caminho não é possível. O cristianismo sozinho não basta, ele não cobre o globo inteiro. E nem as outras religiões. Naturalmente, cabe um papel maior à política e não tanto à filosofia. Nós, filósofos, podemos simplesmente nos empenhar, para que o tema filosófico da transcendência seja capaz de valorizar o traço comum a todos os seres humanos e não as diferenças doutrinárias, das quais os Ratzinger de todas as religiões gostam tanto e os sofistas que exasperam as diferenças teológicas e as fixam em sistemas.

Caffe Europa: Os direitos humanos parecem ter mais inimigos que amigos nas religiões.

H.-G. Gadamer: Certamente os direitos humanos sempre foram contestados, porque percebidos como um ataque à autonomia das diversas culturas e à soberania dos Estados. Por isso a China, por exemplo, sempre negou os discursos sobre os direitos humanos. Devemos desintoxicar esta situação e atribuir esta tarefa a todas as grandes religiões, não com o fim sub-reptício de condenar a China pelo banho de sangue que houve em Pequim, mas em geral. Não se trata de negar as culturas particulares. O modo certo de fazê-lo não é o dos americanos, que não representam, certamente, a cultura mais amada pelos outros. A desintoxicação cabe às grandes religiões. Mas não basta o que o Papa está fazendo.

Caffe Europa: O Papa está organizando, para a primavera do ano 2000, uma viagem que tem, precisamente, este significado, percorrer os lugares da “história da salvação”, comuns às três grandes religiões: islã, cristianismo, hebraica.

H.-G. Gadamer: Eu concordo com ele e me sinto pertencendo ao mundo cristão. Sei também que ele seria a pessoa nas melhores condições para operar a desintoxicação. Mas não sei se ele é capaz de fazê-lo pelas dificuldades que temos visto dentro da Igreja. No Vaticano, não estão muito satisfeitos que ele seja tão “liberal”. Entre ele e os cardeais não há uma paz celestial, especialmente com alguns deles, como já falei. Outros líderes religiosos podem ajudar, especialmente o Dalai Lama.

Caffe Europa: E se as religiões não se libertarem destes obstáculos internos à cooperação para os direitos humanos?

H.-G. Gadamer: Então devemos pedir ajuda aos políticos e pedir aos americanos que contenham suas tendências expansionistas, que se assemelham àquilo que se chamava imperialismo. Os homens de governo, europeus, indianos, árabes, deveriam intensificar o confronto com os direitos humanos para chegar a uma paz sólida antes da terceira guerra mundial, antes do crepúsculo do mundo. É indispensável que este diálogo seja mais rápido que a difusão dos armamentos nucleares. E que os diferentes pontos de vista não possam impedir que se encontrem princípios comuns, como, por exemplo, o valor da vida, talvez o banimento da pena de morte, como orientação geral, do direito internacional. Provavelmente estou muito velho, e sou um velho cuja voz conta muito pouco, mas estou convencido, com suficiente segurança, de que o mundo não sobreviverá ao próximo século, se não nos encaminharmos nesta direção.

Caffe Europa: E o senhor quer que esta mensagem de alarme ajude, para que as pessoas abram os olhos? Quer encorajar o Papa?

H.-G. Gadamer: Creio que o Papa esteja bem consciente dos perigos, mas ele não tem uma plena autonomia de ação. Ele está sob pressões. Eu não sou católico, mas também, se fosse católico, não poderia, certamente, pedir que atendesse os meus desejos. Este seria um vão exagero da minha função no mundo. Sempre busquei, com a minha filosofia, mostrar quão poucas coisas podemos controlar. Sempre insisti no fato de que devemos aprender muito e não sabemos nada. Dediquei-me ao nosso grande “ignoramus”. Ignoramos sobretudo o mistério da transcendência, não sabemos nada do além. Não mudarei agora, não abandonarei a minha modéstia. Escreva que um velho lhe contou algumas idéias que lhe passam pela cabeça, que ele lhe confidenciou alguns medos dos quais não consegue se libertar.

ACONTECE

Religião e Pós-Modernidade

Realizou-se de 15 a 17 de março, o primeiro módulo do ciclo de estudos *Religião e Pós-Modernidade*. O tema desse módulo foi *Formas de religiosidade na pós-modernidade*. O assessor dessa etapa foi o professor Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU. O texto-base da discussão foi o número da revista *Futuribles*, janeiro de 2001, nº 260, dedicado inteiramente ao tema *O Universo das crenças*. O próximo módulo desse curso de extensão universitária, promovido pela UNISINOS, CECREI e CRB, será de 26 a 28 de abril, com o tema *Morte de Deus e esperança humana*. Esse módulo será assessorado pelo professor Dr. Castor Mari Martin Bartolomé Ruiz, do PPG de Filosofia da UNISINOS.

Simpósio Nacional

Bem Comum e Solidariedade

Por uma ética na economia e na política do Brasil

As principais conferências do Simpósio, a ser realizado de 25 a 27 de junho de 2002, na UNISINOS, são as seguintes:

- 1.- A crise sócioeconômica do mundo, hoje: desafios e perspectivas. As possibilidades do bem comum e da solidariedade como princípios e instrumentos operacionais.
- 2.- O bem comum como base para uma sociedade livre.
- 3.- A economia e o bem comum. Por uma sociedade economicamente justa.
- 4.- A política e o bem comum. Por uma sociedade politicamente democrática.
- 5.- A igreja e a política, hoje. A reinvenção do bem comum e o Ensino Social da Igreja.

A primeira conferência será proferida pelo belga Michel Hansenne, que foi diretor geral da Organização Internacional do Trabalho. Hoje ele é deputado no Parlamento Europeu.

A segunda conferência será pronunciada pelo professor Dr. Michael Brie, que é o presidente do Instituto Rosa Luxemburg Stiftung, cuja sede fica em Berlim, na Alemanha. Vários membros do Rosa Luxemburgo participaram do Fórum Social Mundial, inclusive o conferencista. A RLS apoia a recém-fundada Universidade do Rio Grande do Sul – UERGS, parceira da UNISINOS na promoção do Simpósio.

A terceira conferência está a cargo do economista Armando Melo Lisboa, professor na Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando em Economia na Universidade de Lisboa. Entre os seus muitos artigos publicados, citamos o da revista *Ciências Sociais Unisinos*, nº 37, 2001, intitulado *A Sócioeconomia solidária diante da grande transformação*, p. 27-57.

Os debatedores dessa conferência serão o professor Ms Ubirajara Brasil Dal Bello, do Centro de Ciências Econômicas da UNISINOS, e o professor Dr. Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos.

A quarta conferência será apresentada pelo Dr. Renato Janine Ribeiro, professor de Filosofia da USP, com mestrado na Sorbonne e doutorado na USP. Entre os seus muitos livros publicados, citamos o importante *Ao leitor sem medo. Hobbes escrevendo contra o seu tempo*, Ed. UFMG, esgotado. Outro livro importante, sobre o tema da conferência do Simpósio, é o livro *A sociedade contra o social. O alto custo da vida pública no Brasil*, Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2000. Mais recentemente, Renato Janine Ribeiro publicou dois opúsculos na coleção *Folha explica*. Um é *A democracia*, e o outro, *A República*. Os dois foram publicados pela *Publifolha*, São Paulo, 2001.

A debatedora e o debatedor dessa conferência serão a professora Dr^a. Márcia Tiburi e o professor Dr. Castor Mari Martin Bartolomé Ruiz, ambos do PPG de Filosofia da UNISINOS.

D. Luciano Mendes de Almeida, jesuíta, arcebispo de Mariana, MG e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, proferirá a conferência de clausura do Simpósio. D. Luciano é doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e foi, por longos anos, professor de Filosofia. Atualmente,

é presidente da Comissão da *CNBB Exigências éticas e evangélicas de superação da miséria e da fome*.

Nos próximos boletins, abordaremos as oficinas do Simpósio.

9º Encontro de mulheres

No dia 20 de março, das 13h30min às 18h, acontecerá, no Auditório da Antiga Sede da UNISINOS, o *9º Encontro de Mulheres*, promovido pelo Fórum de Mulheres de São Leopoldo. O tema central do evento é *Gênero, violência e Políticas Públicas* e seu objetivo, refletir sobre o tema, destacando a importância de políticas públicas municipais e estaduais no enfrentamento da violência contra mulheres em São Leopoldo.

Religiões e Políticas Sociais

A pesquisa do professor Dr. José Ivo Follmann e dos bolsistas Otília B.G. Freires e Tiago da S. César, *Religiões e Políticas Sociais*, foi apresentada no XIII Salão e X Feira de Iniciação Científica da UFRGS, que se realizou de 11 a 15 de março de 2002. A pesquisa tem como objetivos: estudar as práticas de Assistência Social desenvolvidas por religiões no Vale do Rio dos Sinos, a partir de 1993; estudar as motivações que respaldam essas práticas e as relações das mesmas com o perfil identitário das religiões em questão, considerando a produção da sociedade, as relações dentro do campo religioso, a relação deste com outros campos de atividade e as dinâmicas pessoais dos sujeitos envolvidos.

Dissertação de Mestrado

Sob o título *Associação de Moradores, Cidadania e Complexidade*, Tranqüilo Fiametti defendeu sua dissertação de mestrado em meados de janeiro. O trabalho foi orientado pela Dra. Julieta Beatriz Ramas Desaulnieres, professora do PPG de Serviço Social da PUC-RS.

Utilizando o Método da Complexidade de Edgar Morin, seu projeto referiu-se ao processo de conquista e ampliação da cidadania. O estudo de caso foi feito sobre Associação de Moradores da Cohab Duque, em São Leopoldo.

O mestrando partiu do pressuposto de que as demandas da Associação de Moradores (AM) são identificadas e encaminhadas em âmbito comunitário e, portanto, fazem parte do processo de organização e reorganização da AM. As principais descobertas estão relacionadas à AM como uma organização auto-eco-organizativa, pois se auto-organiza, se auto-repara e se auto-reproduz num movimento que se desencadeia predominantemente de dentro para fora, a partir das demandas comunitárias. A AM tem conseguido ser aprendente, na medida em que tem instaurado uma rede de articulações, fortalecendo e recriando “nós” da rede comunitária, a partir de novos saberes, novas habilidades, novas visões de mundo.

Visita do Arcebispo de Porto Alegre

No dia 11 de março, Dom Dadeus Grings, Arcebispo de Porto Alegre, visitou o IHU. Na ocasião, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Mitra da Arquidiocese de Porto Alegre assinaram convênio com o objetivo de criar condições físicas e materiais para restaurar e armazenar o acervo de arte sacra da Catedral Metropolitana, constituído de esculturas, pinturas e objetos de relevância histórica e artística. As peças, oriundas de igrejas antigas da capital que não existem mais, como a do Rosário e a capela do Divino Espírito Santo, estão guardadas há mais de sessenta anos na cripta.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

A ÉTICA ROMÂNTICA E O ESPÍRITO DO CONSUMISMO MODERNO

CAMPBELL, Colin, *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, tradução de Mauro Gama - Rio de Janeiro: Rocco, 2001

Existe uma relação entre o comportamento do consumidor contemporâneo e o movimento romântico do Século XVIII? Para o sociólogo Colin Campbell não há dúvida. A influência cultural que transformou os relacionamentos amorosos, é crucial para o entendimento do consumismo na forma como o experimentamos hoje.

Seguindo as pegadas de Weber, que associou o protestantismo ao capitalismo, Campbell derruba as teorias econômicas que tentaram explicar as origens da compulsão pela compra. Corrigindo um desvio teórico que desprezou a importância do movimento romântico na história, ele avalia suas conseqüências par a par das mudanças provocadas pela Revolução Industrial na Inglaterra.

A tese apresentada nesta obra traz argumentos convincentes, entre eles os que apontam o hedonismo auto-ilusivo e o binômio sentimento/intuição (em detrimento da autoridade/razão) como determinantes na ânsia pela novidade, típica do consumidor moderno. Na primeira parte, são analisadas as várias correntes de pensamento que definiram o instintivismo e a manipulação como conceitos principais no atendimento ou criação das necessidades. Na segunda parte, o autor expõe a relação entre protestantismo e hedonismo, com ênfase nos cultos da benevolência e melancolia. Na conclusão, a complexa relação entre os aspectos idealísticos e egoísticos da sociedade e as interações entre o puritanismo racional e o romantismo na cultura ocidental. Um ensaio profundo, detalhado e abrangente.

COLIN CAMPBELL é professor de Sociologia da Universidade de York (Londres), e seus interesses na área compreendem o estudo do consumo, religião, influências culturais e teoria da ação. É autor de ensaios incluídos em obras e publicações especializadas como *The easternization of the West* (org. Bryan Wilson e Jamie Cresswell), *The shopping experience* (em co-autoria com Pasi Falk e *The Myth of social Action* (imprensa da Universidade de Cambridge).

Transcrevemos a resenha do livro, publicada na *Folha de S. Paulo*, em 24-02-02.

Comoção, lágrimas e finas roupas

Marcelo Coelho

A obra defende que a aliança entre calvinismo e sensibilidade romântica deu origem ao consumismo moderno.

Por que somos tão consumistas? Pode-se pôr a culpa na publicidade, na superabundância de bens industrializados, na mania de imitar os outros ou mesmo falar de uma tendência natural do ser humano para buscar conforto e prestígio. São explicações demasiado simplistas, e este fascinante estudo sociológico de Colin Campbell rebate-as com inteligência, a começar pelo próprio título do livro: *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Campbell se inspira no clássico de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Como se sabe, Weber descobriu surpreendentes afinidades entre os rigorosos mandamentos da teologia calvinista e o comportamento do capitalista típico, dedicado à busca racional do lucro. Enquanto a Igreja Católica condenava a procura do enriquecimento, para o calvinismo o sucesso material de uma pessoa seria sinal de que estava entre os eleitos de Deus. Curiosamente, assim, uma doutrina fundamentada na renúncia aos valores terrenos terminaria tendo papel determinante na constituição de uma sociedade materialista, racionalizada e bem pouco piedosa.

Pois bem, pergunta Campbell, como foi que aquele velho capitalista ascético e parcimonioso veio a dar no esbanjador que conhecemos hoje? A resposta já vem indicada no título do livro: o comportamento consumista tem origens no romantismo. Para comprovar essa tese, Campbell mobiliza um respeitável aparato de erudição, além de doses consideráveis de criatividade sociológica.

Cabe-lhe, antes de tudo, caracterizar o "espírito do consumismo moderno". Não se trata de invenção do século 20. Já em finais do século 18, a propensão ao consumo de luxo e a obediência aos ditames da moda assemelhavam-se em muito aos padrões contemporâneos. Pode-se pensar que, naquela época, o gosto pelo supérfluo era exclusivo da nobreza, enquanto a classe média se mantinha adstrita a um comportamento puritano. Não é verdade, diz Campbell. Já em inícios do século 19, o consumismo atingia a classe média. Seria essa "classe média" composta, em sua maioria, de herdeiros do calvinismo? É algo que este livro não comprova empiricamente; mas é desse pressuposto que Campbell parte para estabelecer, no âmbito da história das idéias, os pontos de contato entre o calvinismo e a sensibilidade romântica, por meio de todos os movimentos ideológicos que se encarregaram de adocicar os rigores da doutrina.

Basta invocar, aliás, o nome de Jean-Jacques Rousseau para sugerir que, entre a antipatia calvinista e a efusão romântica, há mais semelhanças do que parece à primeira vista. O veio rousseauiano não é, entretanto, explorado em profundidade por Campbell, cujo foco de atenções se restringe ao ambiente britânico. Das teorizações sobre o bom gosto escritas por Lord Chesterfield (1694-1773) aos pré-românticos poemas de Young (1773-1829), passando pelos romances de Jane Austen (1775-1817), o livro descreve a gradual passagem da sombria tese da "predestinação" calvinista para a idéia de que o espírito melancólico, o sentimentalismo, a comoção, as lágrimas, a delicadeza, o bom gosto e, por fim, até as roupas refinadas também valeriam como sinais da salvação. Um consumidor exigente estaria revelando tanta virtude, tanta santidade de alma, quanto o mais austero industrial. A riqueza do livro de Campbell - que se dá ao luxo de propor, ademais de sua tese principal, uma teoria do dandismo, uma análise do artista boêmio, uma comparação entre o hedonismo antigo e o moderno - supera, em muito, o que seu raciocínio tem de duvidoso. Há, com efeito, vários pontos discutíveis na argumentação do autor. Será lícito imaginar uma "conversão" do calvinista weberiano ao consumismo moderno (um pouco como se tratasse do mesmo personagem social ao longo dos séculos) por meio dos rebuscados argumentos filosóficos de Leibniz e dos neoplatonistas de Cambridge, como faz Campbell? Não seria mais plausível acreditar numa tendência "natural" ao abrandamento da religião puritana?

Afinal de contas, o problema de Weber estava em entender como uma atitude tão "imoral" como o acúmulo de riqueza poderia encontrar justificação religiosa. Seria preciso uma justificação religiosa, ou ética, para consumir bens supérfluos? Em que medida o consumista típico (personagem cujo perfil não é traçado a contento neste estudo) se sente de fato "justificado" no que faz? Não proviria dessa fraca justificação, aliás, a importância da publicidade, que Campbell minimiza? Muitas outras questões poderiam ser levantadas contra o livro. O certo é que "A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno" propõe, com originalidade e vigor, uma discussão de grande interesse.

ARTIGO DA SEMANA

TRABALHO

Surexploitation joyeuse aux Etats-Unis. Cadres et employés communient dans la 'religion' du travail, de Ibrahim Warde, *Le Monde Diplomatique*, mars 2002, p. 27. O autor é professor na Universidade da Califórnia, Berkeley. O artigo, muito instigador, analisa como “o trabalho se torna uma nova ideologia, uma nova religião”. A sua leitura torna-se mais interessante, se feita juntamente com a ampla reportagem do *Jornal do Brasil*, de 10-3-02, intitulada *Brasileiro trabalha cada vez mais. Desemprego, informalidade e queda da renda fizeram com que a jornada no país só seja inferior à dos Estados Unidos*. Por sua vez, o jornal espanhol *El País*, no dia 24-02-02, publicou o artigo *Libertad o capitalismo: el incierto futuro del trabajo*, de Ulrich Beck. A tradução portuguesa desse artigo pode ser encontrada no boletim *CEPAT Informa*, nº 81/março de 2002, p. 63-69. A tradução portuguesa do artigo do *Le Monde Diplomatique* estará disponível na secretaria do IHU, depois do dia 25 de março.

Todos esses artigos mostram a importância do Setor 2 do IHU: Economia solidária, trabalho e cooperativismo.

ENTREVISTA DA SEMANA

HERALDO CAMPOS

Sob o título *Há muita água boa sob São Leopoldo*, o Aquífero Guarani tem 1,2 milhão de quilômetros quadrados e abrange pelo menos quatro países, entre eles o Brasil, o professor Heraldo Campos, titular do Centro de Ciências Tecnológicas da UNISINOS, concedeu uma entrevista para o jornal *Vale dos Sinos* no dia 10 de março de 2002, p.14. Vale a pena conferir. Quem não a leu e gostaria de fazê-lo, pode solicitá-la na secretaria do IHU.

Aproveitamos a oportunidade para sugerir a leitura do excelente trabalho do professor Heraldo Campos, *Modelación conceptual del acuífero guaraní, cono sur*, acompanhado do mapa hidrogeológico do aquífero guarani. Esse texto foi publicado pela Editora Unisinos na *Acta Geologica Leopoldensia – Série Mapas*, XXIII(4), 2000, p. 3-50.

O professor Heraldo Campos participará do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, coordenando a oficina *Água: Bem público comum*.
heraldo@euler.unisinos.br

Comunicações da Coordenação

Nesta semana, a coordenação do IHU esteve reunida com:

- os professores Egon Roque Fröhlich, coordenador do PPGCSA e Domingos Donida para discutir a Cátedra Unesco Trabalho e Sociedade Solidária. A Cátedra Unesco estará integrada no PPGCSA.
- a professora Denize Righetto Ziegler, Vice-diretora do Centro de Ciências da Saúde, para tratar do programa *Farmácia Viva*, desenvolvido pelo Centro 2, especialmente, junto à comunidade guarani de Riozinho.
- a professora Berenice Corsetti e o professor Jacinto Schneider, para discutir o projeto do Instituto Humanitas Unisinos.
- os professores Carlos Alberto Gianotti, diretor da Editora Unisinos, e Marcelo Fernandes de Aquino, Vice-reitor da UNISINOS e membro do conselho editorial da nossa editora, para estudar, entre outros assuntos, uma maior parceria do IHU na divulgação dos livros da Editora Unisinos.
- os jornalistas Camilo Simon, Luís Afonso Rech, jornalistas do jornal Versão Semanal, Atílio Hartmann, jornalista e assessor eclesiástico do mesmo jornal, e o professor José Moacir Flores, chefe de gabinete da Reitoria da UNISINOS. Em pauta, a discussão de uma parceria do IHU com o jornal *Versão Semanal*.



O entrevistado relâmpago desta edição é...



Alcido Arildo Arnhold

Alcido Arildo Arnhold é coordenador do programa de Ação Social da Zona Sul de São Leopoldo. Natural de São Pedro da Serra, formado em Sociologia, com especialização em Sociologia Urbana e mestrado em História Ibero-Americana. Alcido começou a trabalhar na UNISINOS, no antigo CEDOPE, em 1982. É casado com Cledi, há 19 anos. O casal tem dois filhos: Fernando, 15 e Gustavo, 12.

Autores preferidos: Leonardo Boff e Eduardo Galeano.

Livros preferidos: *Saber cuidar*, de Boff e *De pernas para o ar*, de Galeano.

Um filme: *O ponto de mutação*, de F. Capra.

Nas horas livres: passear e conviver com a família e viajar.

Desafios de um pai de adolescentes: conseguir acompanhar e compreender o modo de vida que a sociedade impõe, com apelos tão fortes em termos de valores e referenciais. Conseguir uma boa convivência.

A sua juventude: entre os 12 e os 26 anos, fui estudante jesuíta. Na faculdade, me envolvi muito com sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos.

Um momento feliz: o nascimento dos meus filhos. É uma situação absolutamente nova. Passa a dividir tua vida com pessoas que são parte de ti mesmo.

Um presente: algo útil, uma ferramenta, ou um livro (não podia deixar de ser).

América Latina: um continente com muitas riquezas culturais, mas historicamente pouco valorizadas pelas condições que oferece.

UNISINOS: Uma instituição muito respeitada na sociedade, com grande potencial para um papel decisivo no enfrentamento dos problemas da sociedade local, regional e nacional. O desafio é sintonizar mais com a realidade social externa, que é muito desafiadora. De uns tempos para cá, a Universidade está, cada vez mais, caminhando nessa direção.

IHU: uma variedade muito grande de opções, escolhas e alternativas de atuação, mas precisa firmar-se nos seus objetivos. Com o tempo, iremos construindo.

Uma herança: não me preocupa deixar bens materiais para meus filhos. Prefiro deixar o exemplo de vida, de convivência, de solidariedade a deixar uma conta no banco.

INTERATIVO

Carta do Leitor

Amigos do IHU:
Parabéns pela edição do IHU On-Line. Esta é uma boa iniciativa e, como tal, deve ser incentivada.
Pe. Pedro Gilberto Gomes, SJ
Pró-Reitor de Ensino e Pesquisa